

melhante: milhões de células se agrupando em tecidos diferentes, formando órgãos diferenciados, mas trabalhando em conjunto para a manutenção do equilíbrio do todo, isto é, para a manutenção da saúde e da vida. Se observarmos a **estrutura do átomo**, tido até há pouco como indivisível, lá encontraremos a mesma dança maravilhosa do Universo entre prótons e elétrons, procurando sempre o equilíbrio mais estável. E isso é tido como ciência genuína e moderníssima; a lei, contudo, é a mesma: **a harmonia das partes para a estabilidade do todo**.

Se, por fim, projetarmos nossa observação para o setor, ainda pouco conhecido, do pensamento, veremos, mais que nunca, como

estamos intimamente relacionados uns com os outros por esses fios, invisíveis aos olhos materiais, das vibrações do pensamento, por essas correntes de força, de cor e de forma tão variáveis, que emitimos a cada manifestação de nosso pensamento e de nossa vontade, e que vão agir, a distâncias imensas, no pensamento e na vontade de nossos semelhantes.

Complementamos, chamando a atenção para o fato da existência dos vários reinos da Terra (mineral, vegetal e animal), que no entanto não agem isoladamente um do outro.

Em todos os casos as partes jamais se tornam reciprocamente indiferentes; pelo contrário, trabalham

solidariamente, em plena harmonia. Os desequilíbrios são sempre aparentes, pois, como no caso das doenças, representam o esforço das várias partes para manterem o equilíbrio ideal, tentando alijar de seus meios os fatores de desequilíbrio e de perturbação da harmonia. É a mesma lei do **"amai-vos uns aos outros"**, observada agora no terreno científico.

Observação: quando a Lei da Solidariedade se verifica entre os seres humanos, não por interesses pessoais, mas por amor, estamos diante do que convencionalmente chamamos Fraternidade. Em poucas palavras, portanto, a Fraternidade seria a Solidariedade no seu mais alto grau, seria a vivência do "amai-vos uns aos outros".

34.

A MEDICINA PSICOSSOMÁTICA



1. APRESENTAÇÃO

A **medicina psicossomática** é a que trata das relações recíprocas entre espírito e corpo. Vamos abordar o assunto pelo prisma único pelo qual o vê a doutrina espírita, pois este é o que mais nos interessa.

O corpo físico é veículo do Espírito nos planos inferiores de evolução. Desde que esteja encarnado, o Espírito forma, com o corpo que ocupa e que vitaliza e dirige, a personalidade humana, havendo então profunda reciprocidade de ação entre os dois elementos, de forma que reações sobre um ecoam logo sobre o outro. É pelo sistema nervoso que o corpo físico se põe em contato com o corpo espiritual.

O plano de vida, em suas linhas gerais, é determinado, em cada Espírito que vai se reencarnar para prosseguir em sua marcha evolutiva, por mentores desse mesmo Espírito

e raramente por ele mesmo, embora, via de regra, com plena e consciente aquiescência do mesmo. O corpo físico, sendo o veículo a ser utilizado durante a vida material ou encarnada é, evidentemente, sede de cuidados especiais por parte dos diretores espirituais do plano de evolução, os quais o adaptam assim às finalidades especiais que terá que realizar; para tanto, é organizado por eles o **duplo etérico**, corpo fluídico, não visível pelos olhos materiais, porém formado de matéria do plano físico em estado de menor densidade ou condensação.

Tem duas funções principais: a primeira é a de absorver o **prana** ou **vitalidade** e enviá-lo a todas as regiões do corpo físico; a segunda é de servir de intermediário ou de ponte entre o corpo físico e o corpo perispiritual transmitindo a este a consciência dos contatos sensoriais físicos e, outrossim, permitindo a

descida ao cérebro físico e ao sistema nervoso, da consciência dos planos espirituais.

Prana, no plano físico, é a vitalidade, a energia construtora que coordena as moléculas físicas e as reúne em um organismo definido; e o **sopro da vida** no organismo, ou antes, esta porção do sopro da vida universal de que um organismo humano se apropria durante o breve período de tempo que denominamos "Vida"...

O prana vitaliza o duplo etérico e, por meio dele, o corpo físico denso; a saúde das diversas regiões do corpo depende em grande parte da quantidade de prana distribuído. O duplo etérico tem centros de força ou chacras, cujo conhecimento e estudo será de grande importância na medicina do futuro.

Há 7 chacras principais: básico, gástrico, esplênico, cardíaco, laríngeo, frontal e coronário. Assunto que será abordado com maior profundidade em aulas futuras.

2. CONSIDERAÇÕES COMPLEMENTARES SOBRE DUPLO ETÉRICO

Ao conhecimento da forma fluídica preexistente se adaptam com precisão essas judiciosas considerações do grande fisiologista **Claude Bernard**: “Se fosse preciso definir a vida, eu diria: a vida é a criação... o que caracteriza a máquina viva não é a natureza de suas propriedades físico-químicas, é a criação dessa máquina junto a uma ideia definida...”

Esse agrupamento se faz em virtude de leis que regem as propriedades físico-químicas da matéria, mas o que é essencialmente do domínio da vida, o que não pertence nem à física, nem à química, é a **ideia-diretriz** dessa evolução vital. Há um como desenho vital que traça o plano de cada ser, de cada órgão, de sorte que, considerado isoladamente, cada fenômeno do organismo é tributário das forças gerais da natureza; tomados em sua sucessão e em seu conjunto parecem revelar um liame especial; dir-se-iam **dirigidos por alguma condição invisível**, na rota que seguem, na ordem que os encadeia.”

Por fim, diz ainda o emérito fisiologista: “Vemos na evolução do embrião surgir um simples esboço do ser antes de qualquer organização. Os contornos do corpo e dos órgãos a princípio são meros delineamentos começando pelas construções orgânicas provisórias, que servem de aparelhos funcionais e temporários do feto. Até então nenhum tecido é distinto; toda a massa é constituída apenas por células plasmáticas e embrionárias. Mas, nesse esforço vital **está traçado o desenho ideal de um organismo, ainda invisível para nós**, sendo já designados, a cada parte e a cada elemento, seu lugar, sua estrutura, suas propriedades. Onde devem estar vasos sanguíneos, nervos, músculos, ossos, as células embrionárias se transformam em glóbulos de sangue, em tecidos arterial, venoso, muscular, nervoso e ósseo.”

Aliás, esse duplo etérico, essa forma preexistente fluídica, existe em toda parte onde há vida organizada.

A esse respeito eis uma citação interessante de Bozzano, em *Pensamento e Vontade*: “Quando comecei (quem fala é o prof. F. M. Melton) a operar com o clarividente

M. B., explicou-me ele que a forma ectoplásmica de uma rosa atingia a sua completa floração antes da rosa natural. E a propósito, sugeriu-me a ideia de fotografarmos um botão de rosa, sobre o qual exercera a ação fluídica, destinada a substancializar suficientemente a forma ectoplásmica já existente, em pleno desenvolvimento, em torno do botão. Cuidadosamente contamos, na fotografia assim obtida, as pétalas da rosa fluídica, e quando a rosa real se abriu, verifiquei ser esta uma reprodução exata da rosa fluídica fotografada, com o mesmo número de pétalas naquela contadas.”

Depois de citar dois casos em que um Espírito desencarnado fazia a mesma afirmativa feita pelo clarividente do caso anterior, isto é, que ele via a forma de evolução que as flores tomariam, conclui Bozzano: “Ao meu ver tais são os fatos que se prestam a ilações reveladoras do mistério do Ser e das modalidades manifestas pela ideia diretriz que regula os fenômenos da vida. Deveríamos, pois, concluir de tudo isto que, nos fenômenos ideoplásticos a ideia-diretriz, nascida na subconsciência do médium, ou na vontade de uma entidade desencarnada, exterioriza-se numa forma fluídica correspondente, que atrai a si as moléculas do ectoplasma. Estas, graças à lei de afinidade, vão colocar-se na forma arquétipo, assim como no órgão que lhe surge, criando, dentro de alguns instantes, um ser vivo perfeitamente organizado. Do mesmo modo, a ideia diretriz que regula a origem e a evolução das espécies vegetais, animais e humanas no ambiente terrestre, exteriorizam-se numa forma fluídica que precede a criação somática, cujas fases ulteriores de desenvolvimento são igualmente precedidas pelas formas fluídicas correspondentes, e destinadas a servirem de modelo em torno do qual deverá gradualmente, condensar-se a matéria viva que atinge a individualidade vegetal, animal e humana, graças à nutrição fisiológica.”

Se nos alongamos um pouco sobre o problema do duplo etérico é porque vemos nele uma capital importância de natureza científica e filosófica, pois vem nos revelar que a vida é regida, não por uma mecânica material e irracional, mas sim por um dinamopsiquismo racional,

e que aquilo que, na fase da encarnação, todos nós vemos como única realidade palpável e patente, não pode existir sem que antes exista uma forma fluídica que lhe servirá de modelo, forma essa que só os desencarnados e certos clarividentes podem ver, mas que constitui uma realidade muito mais positiva que a que os nossos cinco sentidos percebem, em outras palavras, pelos nossos sentidos materiais vemos os efeitos e pelo sentido espiritual, e só por ele, vemos as causas, que pertencem pois, ao mundo espiritual e não ao material. Para lá caminha a nossa ciência, atualmente ainda materialista, estudando, porém, a energia de que é feita a matéria.

3. CONSEQUÊNCIAS

Por intermédio do duplo etérico é que os Espíritos desencarnados interferem sobre os encarnados, agindo rapidamente sobre o seu equilíbrio orgânico nessas operações de curas espirituais que nos deixam estarecidos pela sua rapidez e perfeição.

Funcionando sinergicamente, tudo o que melhorar as condições do duplo etérico “ipso facto” melhorará a saúde do corpo físico, e tudo o que modificar a constituição do corpo físico (denso) modificará também a constituição do corpo etérico.

A nutrição material, de fora para dentro, e a nutrição espiritual (pensamentos e sentimentos), de dentro para fora, concorrem e se responsabilizam pelo estado de saúde do homem encarnado.

Reações de natureza inferior (ódio, tristeza, intemperança, medo, aflições, sensualismo, desânimo, impaciência, inconstância etc.) sendo forças depressoras e dispersivas, abaixam ou exaltam demais os níveis vibratórios das células constitutivas do duplo etérico e do corpo denso, originando doenças e disfunções, da mesma forma por que reações no sentido inverso (serenidade, confiança, fé, coragem, paciência, animo forte, alegria, temperança etc.) serão capazes de restabelecer a saúde ou o equilíbrio orgânico. Isso do ponto de vista psíquico, **como reação do espírito sobre o corpo material**. Outro tanto se dá em relação à alimentação material a qual, quando não adequada às necessidades funcionais, provo-

ca o desequilíbrio orgânico e assim vem dificultar o controle do corpo (veículo) por parte do espírito, o que se reflete no setor psíquico como neurastenia, irritação, nervosismo, desânimo. **Como se vê, o homem encarnado deve cuidar com carinho, tanto da higiene do espírito como da do corpo físico**, pois se é verdade que o corpo físico vai desaparecer no túmulo, contudo ele é o veículo indispensável do Espírito que se encarnou para avançar mais nas suas conquistas evolutivas.

Os dons da mediunidade surgem nos encarnados por adaptações físicas no corpo habitado e vivificado pelo Espírito; o fenômeno mediúnic em si se deve, evidentemente, às faculdades inerentes ao Espírito, mas o seu desabrochamento não se processa sem correlativas adaptações da máquina física; queremos dizer que, como há centros físicos da visão, da audição, etc., há centros físicos da mediunidade de visão (clarividência), de audição (clariaudiência), etc.

O nosso corpo físico deverá atingir a sua forma arquetípica, a sua organização ideal, ainda não atingida, os homens que se encarnam, se seguirem a vontade de Deus, manifestada na terra por Jesus, levarão o veículo físico do Espírito encarnado a esse estado ideal, fazendo surgir nele novos órgãos, novos centros de emissão e de recepção, novas funções, faculdades novas, cujo número e alcance não podemos ainda prever, mas de cujo poder e utilidade temos uma pálida ideia pela já conhecida faculdade mediúnica, que facilita ao homem encarnado um intercâmbio consciente com os desencarnados, trazendo àqueles, percepções e poderes até então só conhecidos e aproveitados por alguns iluminados.

4. HEREDITARIEDADE

A organização do corpo denso ou físico é orientada pela do corpo etéreo ou forma preexistente, duplo esse que merece profundo estudo e acentuado carinho dos orientadores espirituais do reencarnante, de acordo sempre com as finalidades evolutivas destes.

André Luiz, em *Missionários da Luz* projeta muito esclarecimento nesse assunto, como se constata por essas asserções:



O magnetismo espiritual pode fazer o homem reviver as maravilhas dos Evangelhos.

“Os rolos brancos que conduzem são pequenos mapas de formas orgânicas, elaborados por orientadores de nosso plano, especializados em conhecimentos biológicos da existência terrena. Conforme o grau de adiantamento do futuro reencarnante e de acordo com o serviço que lhe é designado no corpo carnal, é necessário estabelecer planos adequados aos fins essenciais.

— E a lei da hereditariedade fisiológica? — perguntei.

— Funciona com inalienável domínio sobre todos os seres em evolução, mas sofre naturalmente a influência de todos aqueles que alcançam qualidades superiores ao ambiente geral. Além do mais, quando o interessado em experiências novas no plano da crosta é merecedor de serviços “intercessórios”, as forças mais elevadas podem imprimir certas modificações à matéria, desde as atividades embriológicas, determinando alterações favoráveis ao trabalho de redenção. Como sabe, observou Manassés, cuidadoso, no serviço de recapitulação ou de tarefas especializadas na superfície do globo, a reencarnação nunca pode ser

vulgar. Para isso trabalham aqui (no setor espiritual confinado ao “Nosso Lar”), centenas de técnicos em questões de embriologia e biologia em geral, no sentido de orientar as experiências individuais do futuro de quantos irmãos se ligam a nós, no espaço coletivo... São inúmeros os projetos de corpos futuros em nossos setores de serviço.

Depreende-se da maioria deles, que todos os enfermos na carne são almas em trabalho da urgente conquista de si próprios. Ninguém trai a vontade de Deus nos processos evolutivos, sem graves tarefas de reparação, e todos os que tentam enganar a Natureza, quadro legítimo das leis divinas, acabam por enganar a si mesmos. A vida é uma sinfonia perfeita. Quando procuramos desafiná-la no círculo das notas que devemos emitir para a sua máxima glorificação, somos compelidos a estacionar em pesado serviço de recomposição da harmonia quebrada”...

“Temos, nestes mapas, a geografia dos genes da hereditariedade distribuídos nos cromossomos. A lei da herança, porém, será ilimitada? A

criatura receberá ao renascer, a total imposição dos característicos dos pais? As enfermidades ou as disposições criminosas serão transmissíveis de maneira integral?

— Não, André, observou o orientador, com grave inflexão; estamos diante de um fenômeno físico natural. O organismo dos nascituros, em sua expressão mais densa, provém do corpo dos pais, que lhes entretém a vida e lhes criam os caracteres com o próprio sangue; todavia, em semelhante imperativo das leis divinas para o serviço de reprodução das formas, não devemos ver a subversão dos princípios de liberdade espiritual, imanente na ordem de Criação Infinita. Por isso mesmo a criatura terrena herda **tendências e não qualidades**. As primeiras cercam o homem que renasce desde os primeiros dias de luta, não só em seu corpo transitório, mas também no ambiente geral a que foi chamado a viver, aprimorando-se; as segundas resultam do labor individual da alma encarnada, na defesa, educação e aperfeiçoamento de si mesma nos círculos benditos da experiência”.

5. DOENTES E NÃO DOENÇAS

“André, meu amigo, as doenças psíquicas são muito mais deploráveis. A patogênese da alma está dividida em quadros dolorosos. A cólera, a intemperança, os desvios do sexo, as viciações de vários matizes, formam criações inferiores que afetam profundamente a vida íntima. Quase sempre o corpo doente assinala a mente enferma. A organização fisiológica, segundo conhecemos no campo de cogitações terrestres, não vai além do vaso de barro, dentro do molde preexistente do corpo espiritual. Atingido o molde em sua estrutura pelos golpes das vibrações inferiores, o vaso refletirá imediatamente”...

“A perversão do nosso plano mental consciente, em qualquer sentido da evolução, determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas, na esfera das operações automáticas. A vontade desequilibrada desregula o foco de nossas possibilidades criadoras. Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interesse pelas

aquisições eternas nos domínios do Espírito. **Renúncia, abnegação, continência sexual, disciplina emotiva não representam meros preceitos de feição religiosa; são providências de teor científico para enriquecimento afetivo de personalidade.** Nunca fugiremos à Lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo. Ninguém enganará a Natureza. Centros vitais desequilibrados obrigarão a alma à permanência em situações de desequilíbrio”...

“A medicina humana será muito diferente no futuro, quando a ciência puder compreender a extensão e a complexidade dos fatores mentais no campo das moléstias do corpo físico. Muito raramente não se encontram as afecções diretamente relacionadas com o psiquismo. Todos os órgãos são subordinados à ascendência moral... O médico do porvir conhecerá semelhantes verdades e não circunscreverá sua ação profissional ao simples fornecimento de indicações técnicas, dirigindo-se muito mais, nos trabalhos curativos, às providências espirituais, onde o amor cristão represente o maior papel.”

Como se vê, a ascendência psíquica na gênese das moléstias orgânicas é capital, o Espírito orientando, consciente ou inconscientemente a matéria que lhe serve de veículo, desde a concepção até a morte do corpo; a própria lei da hereditariedade física não lhe escapa à influência, influência não só do reencarnante como do de seus mentores espirituais. O Espírito prepara o terreno para a saúde ou para a doença.

O mundo da matéria é o dos efeitos; o das causas é o mundo do Espírito; removidas as causas cessarão os efeitos; **a medicina do porvir será espiritualista, consciente e cientificamente espiritualista, e o espiritismo cristão será a sua coluna mestra.**

6. A HERANÇA PSÍQUICA

Além da hereditariedade física, a qual o Espírito reencarnante ou seus mentores espirituais podem modificar substancialmente, temos que levar em consideração a herança psíquica, a qual é fruto de todas as experiências já realizadas pelo Espírito em suas vidas pregressas, encarnadas ou desencarnadas; cada qual traz suas tendências,

seus hábitos, seus “talentos” que, adicionados aos fatores educacionais proporcionados pelos pais e pelo meio ambiente, virão formar a nova personalidade daquela individualidade eterna e em evolução permanente. Em cada encarnação há que resgatar erros do passado, aprender com a nova vida e nas novas oportunidades, e atirar a semente para a germinação benéfica do futuro.

Quanto mais evoluído o Espírito tanto menos sujeito às condições do meio, pois maior o seu livre-arbítrio, mais forte sua vontade, mais positivos e profundos seus conhecimentos.

O determinismo do meio ambiente provoca e aumenta o livre-arbítrio do Espírito, que vai se tornando senhor do corpo físico e do mundo que habita, até suplantar todas as suas contingências. Para bem se estudar a personalidade humana e melhor orientá-la na lei da evolução, é imprescindível a lei das reencarnações, quer como necessidade filosófica, quer como científica. Tanto a filosofia como a ciência, no estudo e orientação do homem, estarão fadados a irremediável fracasso se não introduzirem em seus compêndios a lei das reencarnações, que tanta luz projeta em todos os aspectos da vida humana.

Sem a demonstração científica da sobrevivência e da lei das reencarnações tanto a ciência como a filosofia girarão sempre em torno de efeitos, sem atingir as causas.

7. A AÇÃO DOS DESENCARNADOS

Nesse estudo se terá de introduzir um outro fator não menos importante que a imortalidade e a reencarnação; é o intercâmbio, consciente ou inconsciente, entre encarnados e desencarnados. A intercorrelação dos dois planos é evidente, lógica e de profundas consequências filosóficas e científicas. Essas ações podem ser divididas em duas categorias; benéficas e malélicas; entre estas últimas poderíamos citar logo os chamados “encostos”, as atuações e as obsessões.

Na realidade, porém, como tudo obedece a uma causa que ficou no passado, representando um desequilíbrio que precisa ser desfeito, na realidade as ações dos desencarnados sobre os encarnados se dividem, realmente, em

direta e indiretamente benéficas e não em benéficas e maléficas. Se a semente semeada no passado foi má o fruto de hoje será amargo; contudo o Espírito que sofre hoje o que fez os seus semelhantes sofrerem ontem está sempre aprendendo a viver bem e a orientar melhor a vida, retificando caminhos, pontos de vista, conhecimentos e atitudes.

Se há coisa manifesta e indiscutível nos Evangelhos é a ação dos “mortos” sobre os “vivos”, conhecimento esse que, levado pela ignorância ao fanatismo místico é tão profundamente pernicioso quão profundamente científico e benéfico se torna quando orientado com critério e para os fins justos do esclarecimento e do desejo de servir.

Os desencarnados agem sobre os encarnados pelo pensamento e pelo sentimento, tanto no bem quanto no mal; **a comunhão dos planos está na razão direta da sintonização das vibrações;** daí a sabedoria científica e filosófica da admoestação evangélica acerca da oração e da vigilância.

Assim como há contágio físico no meio físico, há contágio psíquico no meio psíquico; a lei é a mesma, apenas a vibração do plano é que é diferente. Maus pensamentos e maus sentimentos funcionam no plano psíquico, com repercussão posterior no plano físico como fonte perniciosa de bacilos deletérios a contaminar o meio, produzindo desequilíbrios que podem ir desde a intranquilidade espiritual até a doença física.

8. O FATOR PSÍQUICO

Esse fator psíquico é de grande importância, mormente na educação doméstica, pois as irradiações do Espírito dos pais, ainda que não sejam manifestadas pelas palavras e pelas ações na frente dos filhos, contudo, pois que são irradiações espirituais, impregnam as almas dos filhos como a má semente que irá fazer surgir os frutos amargos do futuro.

Incentivar a prática das virtudes não é fazer especulação sobre problemas obscuros procurando uma esperança vã de dias melhores: é princípio científico sem o qual o homem não sairá do terreno das dores e da ignorância ao qual se viciou por tantos séculos de vida vivida sem o devido discernimento, sem o conhecimento imprescindível das leis que regem a vida.

Educar a humanidade nas bases da imortalidade, da evolução, da reencarnação, da solidariedade, da fraternidade, da humildade, da honestidade e do trabalho, é educá-la na vontade de Deus, é orientá-la para o único caminho capaz de lhe assegurar a felicidade, a paz, a saúde, a sabedoria e o poder, de maneira indelével, eficaz e sábia.

E é por isso mesmo que o Espiritismo, continuação que é do cristianismo, será a grande alavanca propulsora da humanidade, quer filosófica, quer cientificamente, quando ele for conscientemente aceito e conscientemente praticado

em todos os seus aspectos pelos homens todos do planeta Terra.

Estudando a magnificência esplendente da Doutrina Espírita, estamos ouvindo, de novo, a voz meiga e esclarecedora de Jesus a nos dizer: “Eu sou o Caminho, a Verdade, a Vida; ninguém vai ao Pai senão por mim.”

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há outros aspectos interessantes na medicina psicossomática, mas não lhes faremos menção aqui, a não ser aquilo que nos irá esclarecer na interpretação das curas e dos “milagres” constantes no Evangelho. Entretanto, não pode passar despercebida a influência indiscutível do magnetismo, tanto físico como espiritual (objeto de estudo a parte a ser focalizado no Curso de Médiuns) o qual, aplicado em bases científicas e para o bem, é capaz de, em mãos hábeis, fazer o homem reviver aquelas maravilhas dos Evangelhos.

Por fim, para concluirmos o presente capítulo, focalizamos um outro fator importante na cura de doenças que é a **autosugestão**, e que se poderia sintetizar como uma profunda radiação benéfica ou maléfica, de exaltação ou depressão, respectivamente, do Espírito sobre o corpo que lhe serve de veículo e cuja matéria, por assim dizer, “nada” nas malhas tenuíssimas que lhe servem de sustentáculo e que lhe mantém a coesão e a vida celular em conjunto, graças ao “duplo etérico” a que já nos referimos.

35.

CURAS E MILAGRES DO EVANGELHO

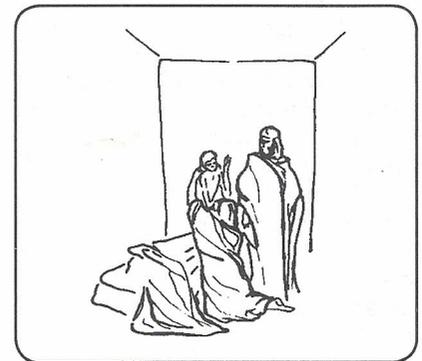
1. APRESENTAÇÃO

Jesus é a vontade de Deus manifestada e vivida na terra. O Mestre Divino nada fez que não fosse cum-

primento integral da vontade do Pai, e isso Ele o afirmou muitas e muitas vezes e, de tal forma o fez, que se considerou sempre uno com o Pai e

d'Ele o Enviado para a redenção dos Espíritos que evoluem no planeta Terra.

A expressão — agora glorifica-me Tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com



aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse — indica bem a perfeição divina de Jesus, que já era perfeito e divino antes mesmo que surgisse o nosso planeta no universo físico. Jesus tem perfeito conhecimento do plano divino que rege todos os fenômenos da vida, sabe qual a vontade do Criador e só vive, conscientemente, conforme essa vontade soberana, inigualável por ser a perfeição absoluta em qualquer dos aspectos por que seja encarada.

Sendo, pois, conhecedor profundo e realizador convicto da vontade de Deus, nada é impossível ao Mestre fazer, exceto perturbar ou contrariar a vontade do Pai ou as leis que Ele criou desde o início para reger todos os fenômenos da vida, em qualquer de seus múltiplos aspectos. Do divino Rabi da Galiléia tudo podemos esperar, exceto que Ele desrespeite o plano divino. Sendo o Dispensador dos bens divinos no setor do nosso planeta, sendo o responsável direto, em face da vontade de Deus, pela nossa evolução espiritual e pela evolução física do planeta, evidentemente Ele tem sobre esse setor autoridade divina; ora, se Deus cria a vida, o que não poderá fazer o Filho que no Pai se integrou? Não sabemos se realmente aconteceram todos os fatos miraculosos narrados nos Evangelhos, mas temos certeza de que Jesus tinha capacidade e poder para realizar tudo o que foi narrado.

2. PERDOAR OS PECADOS

O que mais causa estranheza é ter ele afirmado que tinha o poder de perdoar pecados, o que aparentemente é prerrogativa divina; trata-se porém de pura aparência, **pois, essa delegação de poderes evidentemente será conferida pelo Pai, aos filhos que já conheceram e realizaram as Suas leis.** A esse respeito ainda convém salientar que jamais há derrogação de leis divinas, mesmo por parte do próprio Criador, pois, se assim fosse, a Sua vontade não teria sido perfeita na sabedoria, na justiça ou no amor, ao ter criado a lei que fora derrogada. O que há é uma elasticidade dessas leis divinas que regem a evolução; essas leis não são absolutamente rígidas, pois, se assim o fossem não permitiriam que o homem, com o seu livre-arbítrio, as desrespeitasse por

certo espaço de tempo; a evolução se processaria com pleno desrespeito ao livre-arbítrio humano, o que tiraria todo o mérito da marcha e das vitórias da consciência. As leis da vida têm determinada elasticidade, (tolerância) embora, jamais se rompam ou se destruam; quando o homem por ignorância, teimosia ou por orgulho, atira a força de sua vontade num sentido diferente daquele designado pelas leis da vida, essas cedem até determinada altura, em que é atingido o limite da tolerância delas em relação ao livre-arbítrio do homem; desse momento em diante, é a própria lei que vai empurrando o homem para a situação de equilíbrio e isso é o que, em linguagem vulgar, se chama “ira divina”, dor, angústia, inquietação, remorso, sofrimento; o homem percebe, então, pelos próprios fatos de sua vida que, na consecução de sua felicidade, tomou um caminho errado e que é preciso retificar pensamentos, sentimentos e atitudes para viver em paz, com saúde no corpo físico, com discernimento e luz na inteligência e com paz e harmonia no sentimento.

Assim, o erro humano não passa de uma nova experiência em relação a sua própria vontade e à vontade divina; e é assim que, por si próprio, observando sua própria vida e a vida de seus semelhantes, o homem vai adquirindo a sabedoria de viver, isto é, a sabedoria de viver conforme o plano divino, plano esse pelo qual ninguém será jamais feliz à custa da desgraça de seus semelhantes, de forma que a felicidade de um vem a ser a felicidade do outro, alcançando esse estado ideal pelo esforço próprio, individual e coletivo. Trabalho, solidariedade, fraternidade, honestidade e humildade, parecemos as linhas mestras da evolução no sentido divino.

Jesus, pois, não derogava leis divinas, quando “perdoava pecados”. **Ou Ele suspendia a incidência da lei sobre determinada criatura ou protelava essa incidência;** no primeiro caso Ele via, lendo a aura espiritual do sofredor, que o mesmo já resgatara seus delitos e se limpava interiormente, suprimindo assim, por si próprio, **por ter sofrido resignadamente e por ter aprendido o ensinamento contido na dor,** a causa do mal; no segundo caso, também, lendo na aura, Ele percebia que, realizado o “milagre da cura”

em um determinado indivíduo, este, aproveitando o novo ensejo, agora teria maiores possibilidades de agir no bem e de entender a vida por outro prisma, pois, daquele momento em diante o indivíduo beneficiado já contava com os recursos novos, substanciados no poder e na bondade d’Ele, Mestre, e na experiência vivida dentro da própria dor. Quando nenhuma dessas possibilidades ou situações se apresentavam, Jesus não curava, não atendia ao apelo que Lhe era dirigido. A dor funciona, ao mesmo tempo, como remédio e advertência, na retificação do caminho evolutivo; enquanto o sofredor não aprende e não se predispõe, do íntimo do Espírito, a tomar conscientemente, o novo rumo que a mente e o sentimento lhe apontam, então é preciso que continue a “arder no fogo”, isto é, a aprender pelo sofrimento, cuja finalidade é, no dizer do evangelho, “salgar”, isto é, fazer o Espírito adquirir virtudes reais, virtudes divinas; **tirá-lo desse “fogo” antes da hora é dar alta a um doente longe da cura, o que redundaria em um desastre maior para ele e para a humanidade.**

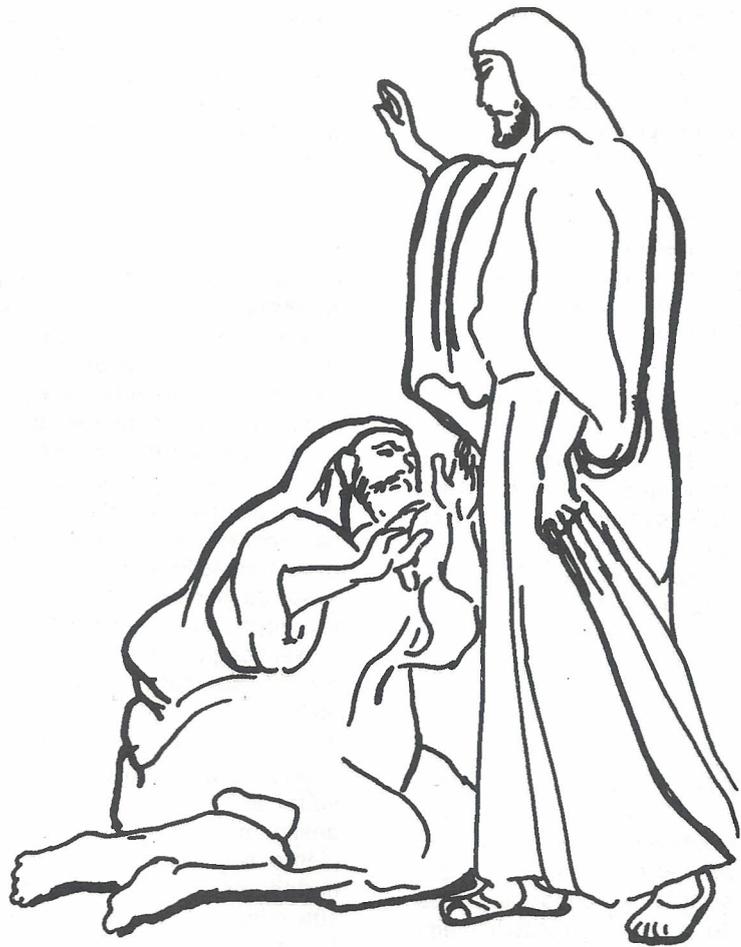
Essa a razão por que o Mestre não curou todos e não que Ele não tivesse sabedoria e poder para o fazer; apenas Ele não o fez, porque jamais desrespeitou a vontade de Deus, vontade essa que procura sempre elevar o Espírito do filho e não, imprevidentemente, tirá-lo de situações benéficas para ele próprio, precipitando-o ainda mais na revolta da ignorância.

3. EXPLICANDO

Como espíritas, sabemos que a lei de ação e reação, de causa e efeito, rege a Justiça na natureza e que, cedo ou tarde para nós, mas sempre no momento mais oportuno, essa lei atinge-nos em cheio, fazendo-nos sorver os frutos de nossa própria sementeira; dos desvios, em relação à vontade de Deus, nos chegam os males todos, físicos, intelectuais e morais; esse choque de retorno às vezes aparece durante a própria vida em que se comete o erro e nunca deixa de aparecer nas encarnações futuras, no momento exato em que tivermos adquirido um nível evolutivo compatível com a redenção, pela dor, no sentido do erro cometido, erro que vem a ser sempre diretamente proporcional ao grau de evolução

espiritual de cada ser. Aproveitando a situação, esclarecendo-se e retificando o caminho, o Espírito sofredor limpa a mácula da alma, a causa do sofrimento e, então, prossegue em novas oportunidades de evolução, agora já com um conhecimento, um discernimento, uma experiência bem maior e, pois, com maiores probabilidades de acertar com o sentido do plano divino. Conhecendo a vontade de Deus e o mecanismo de ação das leis da vida, é fácil manejar essas forças da natureza e daí as curas e os "milagres" que, na realidade, são fenômenos simples para quem conhece o mecanismo da vida.

Uma lei de âmbito mais amplo, mais profundo e mais elevado, suplanta a lei menor, mais restrita, mais fraca. Se a matéria vibrasse mal, manifestando a doença, que dificuldade poderia encontrar Jesus em fazê-la vibrar harmoniosamente, se Ele conhecia as leis do Espírito, as forças espirituais que governam a própria vida do mundo material? O mundo da matéria é ilusório, efêmero, o dos efeitos; o mundo do Espírito é real, eterno, o das causas. A doença, direta ou indiretamente, é filha da desorientação do Espírito em relação ao plano divino, perturbado conscientemente; por isso, disse Jesus: "O que é mais fácil dizer (ao paraplético): levanta-te e caminha ou perdoados estão os teus pecados"? Aquele paraplético certamente já havia feito a reforma íntima de sua alma, reforma que Jesus percebeu pela visão espiritual como em um livro aberto; vendo isso e querendo demonstrar aos incrédulos o poder divino que trazia como o Messias que havia de vir, determinou que se curasse o paraplético; a falange de Espíritos de luz que o acompanhava realizou, imediatamente, o pseudo milagre, isto é, a cura, certamente agindo sobre os centros do duplo etérico, bem como sobre o perispírito e sobre o próprio corpo físico do paraplético, dilatando-lhe os veículos e canais condutores do "fluido vital", da "força vital", mudando assim, profundamente, as condições do meio físico. Aliás, não é de admirar que isso acontecesse frente ao Mestre, quando continua a acontecer em nossos dias, diante de seres muito inferiores a Ele, quer por sugestão, quer pelo magnetismo do homem, quer pelo magnetismo dos Espíritos, quer por causas ainda mal conhecidas.



Para a ciência materialista, que só sabe jogar e, muito mal, com forças de natureza material, essas curas são absurdas, pela rapidez com que se processam, coisa que a ciência não é capaz de fazer. Quem estuda e conhece alguma coisa da ciência do Espírito e de suas forças, acostuma-se a não mais estranhar essas curas, aparentemente miraculosas; o milagre é o inabitual e o irrealizável pelo conhecimento comum; na realidade, porém, esses milagres se realizam pelo cumprimento de leis superiores que a ciência humana, em geral, ainda desconhece integralmente.

Como acontece hoje, nas curas pelo Espiritismo, Jesus tem à Sua disposição uma coorte imensa de Espíritos de escol, que se incumbem de realizar, em nós, a Sua vontade, Espíritos esses que, dada a sua evolução profunda, tem já um amplo campo de ação, onde trabalham pelo seu próprio livre-arbítrio,

integrados como estão com Jesus. Tinha razão o centurião romano, ao dizer que não era preciso que Jesus fosse diretamente à sua casa fazer a cura do seu protegido, mas que determinasse a cura a essa coorte de Espíritos que agiam em sintonia com Ele.

Casos houve, porém, inúmeros, em que Jesus agiu diretamente pelo seu próprio magnetismo, como na expulsão de demônios, na cura do cego de nascença etc.

A fé do pedinte tinha que influir em muitos casos, pois, quem pede, sabendo que pode receber e que vai receber, prepara a cura por si próprio, através das vibrações do próprio Espírito, bem como predispõe o terreno para a ação daquele a quem foi solicitada a cura ou para aqueles incumbidos de realizá-la.

Essas vibrações íntimas de confiança no poder divino abrem os canais que nos ligam ao Grande Poder e de cima recebemos, então, maior quan-

tidade de forças vitalizantes; a vida pura, serena e fraterna é o estado de receptividade ideal para essas forças, mas as vibrações sinceras e intensas das almas em provação também são capazes de abrir mais as janelas da alma, por onde entra a vida para o Espírito e para o corpo que ele ocupa. Da sintonização dos desejos de quem pode curar com o que quer ser curado decorre a maior ou menor rapidez ou perfeição da cura.

4. PORQUE JESUS CURAVA?

Como se vê, por muitos processos diferentes se realizavam as curas, curas essas, que, segundo pensamos, tinham os seguintes escopos ou finalidades:

1º) Dar expansão natural ao Amor, que era a característica primordial de Jesus; quem se aproximasse d'Ele recebia logo grandes benefícios espirituais ou materiais; pela prática do amor, Ele trouxe à humanidade o caminho da redenção.

2º) Firmar, no conceito dos homens, o poder divino de Jesus, que seria recusado pela classe sacerdotal como o Messias que realmente era e que traria a salvação do mundo pela prática consciente, por parte de cada homem, da lei do amor.

3º) Demonstrar a superioridade do Espírito sobre a matéria, revelando a causa real dos males humanos e o sentido verdadeiro que se deve dar à vida.

Comentemos agora, sinteticamente, alguns tipos de curas e de "milagres".

5. RESSURREIÇÃO

O Espírito se encontra ligado ao corpo pelos centros de força ou chacras do duplo etérico. E, para que haja morte verdadeira ou libertação integral do Espírito, é preciso que se realize o desligamento desses chacras, operação essa que é, via de regra, feita pelos Espíritos desencarnados que vêm assistir o que desencarna. Os livros de André Luiz fazem várias referências a esse desligamento. Dentre eles, destacamos o seguinte: "Noutro tempo, André, os antigos acreditavam que entidades mitológicas cortavam os fios da vida humana. Nós somos Parcas autênticas, efetuando semelhante operação. E, porque, eu indagasse, tímido, por onde iríamos começar, explicou-me o orientador: Segundo você sabe, há três regiões orgânicas

fundamentais, que demandam extremo cuidado nos serviços de libertação da alma: o centro vegetativo, ligado ao ventre, como sede das manifestações fisiológicas; o centro emocional, zona dos sentimentos e desejos, sediado no tórax, e o centro mental, o mais importante, por excelência, situado no cérebro".

Todos os centros de vitalidade podem ser desligados pelo próprio desencarnante, se se trata de um indivíduo muito evoluído, exceto porém, o centro cerebral ou chacra coronário, que é sempre desligado por um mentor desencarnado. Como se vê, nem sempre o atestado de óbito do médico terreno coincide com o fenômeno definitivo da morte e, a atestar essa afirmação aí estão os inúmeros casos de mudança da posição, dentro do próprio caixão mortuário, o que se verifica pela posição em que vem a ser encontrado, posteriormente, o esqueleto.

Se os laços fluídicos foram desligados, então não é mais possível voltar à vida, mesmo porque esse desligamento é uma operação consciente, feita por Espíritos desencarnados, evoluídos e que cumprem a sua missão em face da lei divina. Nos casos citados de ressurreição, não houve, realmente, senão **morte aparente**, permanecendo o ser em estado de vida latente ou em estado de catalepsia; segundo os relatos vindos da Índia, há indivíduos capazes de permanecer soterrados por grande número de dias, voltando depois à vida. Já dizia Kardec: "Em certos estados patológicos, quando o Espírito não está mais no corpo e o perispírito apenas a ele adere por alguns pontos, o corpo tem todas as aparências da morte e afirma-se uma verdade absoluta dizendo que a vida está por um fio. Esse estado pode durar mais ou menos tempo; certas partes do corpo podem mesmo entrar em decomposição, sem que a vida esteja definitivamente extinta. Enquanto não se romper o último fio, o Espírito pode, quer por uma ação enérgica de sua própria vontade, quer por um influxo fluídico estranho, igualmente poderoso, ser de novo chamado ao corpo. Assim se explicam certos prolongamentos da vida, contra toda a probabilidade e certas supostas ressurreições. É a planta que brota de novo, muitas vezes por uma só de suas radi-

culas; mas, desde que as últimas moléculas do corpo carnal ou este último fique em estado de corrupção irreparável, a volta à vida é impossível". Depois, referindo-se à ressurreição da filha de Jairo, do filho da viúva de Naim e de Lázaro, diz ainda Kardec: "O fato da volta à vida corporal de um indivíduo realmente morto, seria contrário às leis da natureza e, por conseguinte, miraculoso. Ora, não é necessário recorrer a essa ordem de fatos para explicar as ressurreições operadas pelo Cristo. Se, entre nós, as aparências enganam algumas vezes as pessoas da arte, os acidentes dessa natureza deviam ser mais frequentes num país onde não se tomava precaução alguma e onde os enterramentos eram imediatos. Há, pois, toda a probabilidade de que, nos dois exemplos acima (filha de Jairo e filho da viúva de Naim) só se dera uma síncope ou uma letargia. O próprio Jesus o diz, positivamente, sobre a filha de Jairo: Esta menina não está morta, apenas dorme.

Em vista dos poderes fluídicos que Jesus possuía, não é de admirar que Seus fluidos vivificantes, dirigidos por uma forte vontade, pudessem reanimar os sentidos entorpecidos e mesmo chamar de novo ao corpo o Espírito prestes a deixá-lo, uma vez que o laço perispiritual não estivesse definitivamente roto. Para os homens desse tempo, que julgavam o indivíduo morto, desde que não respirasse mais, havia uma ressurreição e podiam afirmá-lo, de muito boa fé; mas, na realidade, só tinha havido **cura** e não **ressurreição**, no sentido rigoroso da palavra.

A ressurreição de Lázaro, digam o que quiserem, não invalida por forma alguma esse princípio.

Ele estava, diziam, havia quatro dias, no sepulcro; mas sabe-se que há letargias que duram oito dias ou mais. Acrescentam que ele exalava mau cheiro, o que constitui sinal de decomposição; esta alegação nada prova, igualmente, porque em certos indivíduos há decomposição parcial do corpo mesmo antes da morte e eles exalam um cheiro de podridão. A morte só chega quando são atacados os órgãos essenciais à vida. E quem sabia que ele exalava mau cheiro? É sua irmã Marta quem o diz, mas como o sabia ela?

Estando Lázaro fechado numa tumba, havia quatro dias, ela tinha desconfiança, mas não podia ter certeza”.

6. CURA DA HEMORROÍSSA

As ressurreições, pois, não são senão uma determinada forma de cura que, se não fosse realizada, evidentemente faria o indivíduo entrar mesmo na morte. Essas curas, pois, não são mais espantosas ou mais difíceis que a cura de uma paralisia, de uma cegueira ou da lepra. Em todos esses casos houve, certamente, vários fatores em ação, salientando-se, evidentemente, a vontade de Jesus, acionando Seus ilimitados poderes, agindo ora pelo Seu próprio magnetismo, ora determinando a cura a ser feita pelas falanges espirituais ao Seu dispor.

Associando-se todos os conhecimentos relativos das explicações precedentes, tem-se uma ideia relativamente precisa de como se teriam processado essas curas; no âmago do problema, contudo, não podemos ainda penetrar, pois, se o pudéssemos, certamente teríamos então a capacidade de realizar também tais prodígios. Às vezes, a cura tinha como fator principal a grande fé no Rabi e, entre essas curas está a da mulher que sofria de hemorragias; não se trata aqui apenas de autossugestão, de vasoconstricção emotiva, que por si só, poderia determinar a cura, pois Jesus sentiu que se havia escapado dele **uma virtude** que, no caso, seria força vital ou magnetismo suficiente para fazer estancar a hemorragia, qual remédio poderoso; se hoje se estancam hemorragias, às vezes espetacularmente, com os medicamentos materiais, muito mais se poderá fazer com as forças imensas e incomparavelmente mais poderosas do Espírito (Na hemorragia, por exemplo, uterinas, como o dessa mulher que duram anos porque são de pouco volume).

7. CURA DOS POSSESSOS

Quanto à cura dos possessos, obsedados e atuados, isso é do conhecimento corriqueiro dos espíritas. Espíritos mais fortes impõem o afastamento de Espíritos mais fracos, sem, contudo, correr o atuado o risco de, não sabendo se vigiar, vir a ser assediado e dominado novamente.

Tanto a obsessão como a cura se fazem por vários processos, inclusive pela ação mental de Espíritos mais fortes sobre Espíritos mais fracos, sendo que as fraquezas espirituais decorrem sempre dos vícios e defeitos, assim como as forças promanam das virtudes e do conhecimento. **Em todas essas ações recíprocas, porém, é preciso obedecer os limites impostos pelo Carma, pelas forças de mérito ou de demérito, acumuladas pelo Espírito e pelas suas necessidades evolutivas, quer pela dor, quer pelo esclarecimento.** Na realidade, dentro do plano divino, todo mal terá um dia seu fim, pois ele provém sempre da ignorância ou da desobediência, ambas provisórias ou temporárias.

8. A TRANSFIGURAÇÃO

Também como “milagres”, já elucidados pelo Espiritismo, temos a transfiguração do monte Tabor e a “ressurreição” ou aparição de Jesus em seu corpo fluídico ou espiritual, depois de ter sido crucificado.

Apenas desejamos lembrar que sempre esses fatos se deram em presença de discípulos ou afeiçoados sinceros da doutrina do Mestre, os quais funcionariam então como médiuns a fornecer o ectoplasma necessário às aparições tangíveis ou visíveis aos nossos olhos materiais. Particularmente, porém, acreditamos que Jesus, se o quiser, aparecerá a quem lhe aprover, sem ter necessidade de tirar de alguém os elementos necessários para a Sua materialização provisória; Ele, Senhor que é da natureza, cujas leis conhece de forma absoluta, pode tirar dessa própria natureza os elementos de que necessitar, pois o ectoplasma que se irradia fartamente, de certos médiuns, é produto da natureza, como o são o corpo físico e o corpo espiritual do próprio médium.

Também já devidamente elucidados pelo Espiritismo são a leitura do pensamento a qualquer distância, a visão através dos corpos opacos, a visão à distância, a previsão ou premonição, o que em nossos dias deixa de assumir aquele aspecto de prodígio ou milagre, em face de idênticos “milagres” da ciência moderna, tais como o rádio, a televisão, o radar, a aviação, a desintegração da matéria etc.

9. JESUS CAMINHA SOBRE AS ÁGUAS

Quanto ao fato de Jesus ter susplantado a lei da gravidade, andando sobre as águas, mantendo no ar o mais pesado que o ar, não deve ser considerado coisa impossível, pois vemos os aviões fazerem o mesmo no ar, e os barcos na água; é questão de jogo de forças, coisa relativamente simples para quem conhece as leis da natureza e sabe jogar com elas, como acontecia com Jesus. A respeito desse fato, convém lembrar a opinião de Kardec — que admite duas hipóteses, ambas viáveis, exequíveis: “Jesus, posto que vivo, pôde aparecer sobre a água, debaixo de uma forma tangível, enquanto o seu corpo carnal estava em outro lugar; é a hipótese mais provável; pode-se mesmo reconhecer, pela narração, certos sinais característicos das aparições tangíveis. Por outra forma, o seu corpo poderia ser sustentado e o peso neutralizado pela mesma força fluídica que mantém uma mesa no espaço, sem ponto de apoio; o mesmo efeito tem sido, por diversas vezes, produzido em corpos humanos”.

10. JESUS ACALMA A TEMPESTADE

Quanto à tempestade acalmada, lembramos apenas que uma tempestade é movimento de forças físicas, podendo-se portanto, pelo menos teoricamente, admitir que possam ser controladas pela vontade poderosa, pois, a uma força e a um poder, se terá que opor uma força e um poder maior, e as forças desencadeadas nas tempestades são, via de regra, poderosas. Pensamos também que uma tempestade possa ser acalmada por um Cristo, mas que isso se faça só esporadicamente, pois esses movimentos mais violentos visam o reequilíbrio e a purificação da atmosfera a bem dos próprios seres viventes, impedindo a consecução de males muito maiores que aqueles desencadeados pelas hecatombes.

Kardec assim se expressa, acerca desse fato: “Não conhecemos ainda suficientemente os segredos da natureza para afirmar se há ou não inteligências ocultas presidindo a ação dos elementos; na hipótese da afirmativa, o fenômeno em questão poderia ser o resultado de um ato de autoridade

sobre essas mesmas inteligências e provaria um poder que não é dado a nenhum homem exercer. Em todo o caso, Jesus, dormindo tranquilamente durante a tempestade, atesta uma segurança que pode ser explicada pelo fato de que o Seu Espírito via que não havia perigo algum e que o temporal ia acalmar-se”.

11. AS BODAS DE CANÁ

Temos a impressão de que se trata de um fenômeno de realização relativamente fácil, pois todos nós não conhecemos casos de mudança da cor e das propriedades da água, aos nossos olhos e em pleno dia, após a ação de uma simples prece ou pela aposição das mãos de um médium curador? Poderia também o fenômeno ser explicado pelo transporte de essências próprias dos vinhos, transporte esse feito pelos Espíritos desencarnados.

Quem tem capacidade de dissolver princípios medicamentosos, transportados ou não, num recipiente contendo água, porque não poderia produzir o vinho? Se o primeiro fenômeno é repetido quase que diariamente no meio espírita pelos desencarnados, por que não seria o segundo realizado por Jesus, Espírito divino, todo perfeição de amor e de sabedoria?

12. A MULTIPLICAÇÃO DOS PÃES

Vem, por fim, a multiplicação dos pães e dos peixes. Diz o Evangelho, segundo João: “Tomou, pois, Jesus os pães e, tendo dado graças, distribuiu-os aos que estavam assentados e, assim mesmo dos peixes, quantos eles queriam”.

O fato de ter Jesus solicitado os pães e peixes a sua presença, indica que sobre eles e, provavelmente, sobre o arcabouço fluídico deles, servindo de modelo ou forma, Jesus condensou a matéria do meio ambiente e das próprias cinco mil pessoas ali presentes, fazendo a multiplicação. Talvez seja esse um fenômeno simples, mas não para nós, que estamos muito longe de conhecer as leis que regem tal fenômeno.

13. O MAIOR DOS MILAGRES

Ao terminar esta aula, não podemos esquecer essas palavras sábias de Kardec: “O maior dos milagres que Jesus fez, atestando

realmente a Sua superioridade, foi a revolução que, com os Seus ensinamentos, operou no mundo, apesar da exiguidade de seus meios de ação... Condenado ao suplício reservado aos criminosos, morre ignorado do mundo, pois que a história contemporânea cala-se a Seu respeito; nada escreveu Ele e, entretanto, ajudado por alguns homens obscuros como Ele, a Sua palavra foi bastante para regenerar o mundo. A Sua doutrina matou o paganismo poderoso, tornando-se o facho da civilização; tinha contra Si tudo quanto pode fazer naufragar os homens. Eis a razão porque dizemos que o triunfo obtido pela Sua doutrina é o maior dos Seus milagres ao mesmo tempo que testemunha a Sua missão divina. Se, em vez de princípios sociais e regeneradores, fundados sobre o futuro espiritual do homem, Ele só tivesse oferecido à posteridade alguns fatos maravilhosos, talvez fosse Ele hoje apenas conhecido de nome”.

O Mestre censurou aqueles que apenas só seguiam com o intuito de ganhar d’Ele o pão que mata a fome do corpo ou a cura de algum mal físico, afirmando-lhes, categoricamente, que a Sua missão era bem outra, qual a de

trazer a humanidade o caminho de sua própria redenção, revelando a ela qual a vontade do Criador.

“Eu sou o caminho, a verdade, a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim”.

“Eu vim buscar e salvar o que se havia perdido” — “Misericórdia eu quero e não sacrifício”. — “Se vos amardes uns aos outros, sereis verdadeiramente meus discípulos”. “Um novo mandamento vos deixo: — que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos tenho amado.” — “Aquele que perseverar em minhas palavras até o fim, esse será verdadeiramente meu discípulo; ele conhecerá a verdade, e a verdade o tornará livre.”

Nessa revivescência do cristianismo em pleno século XXI, não nos esqueçamos das advertências do Mestre e procuremos o cristianismo redivivo no Espiritismo como a grande fonte de verdades emancipadoras, e não como fonte de “milagres”. Curemo-nos de nossos males espirituais, com Jesus, e não teremos mais fome, doenças e vicissitudes de qualquer natureza, porque estaremos integrados na Vontade de Deus consciente, alegre e eternamente.

